

## Considerações finais

Começamos essa tese dizendo que Goodman se opõe ao Wittgenstein do *Tractatus* e terminamos aproximando-o das *Investigações*. Na verdade, tínhamos a intuição de que Goodman poderia estar em algum ponto entre os dois. Nossa suposição inicial era que ele mantinha um ponto básico de uma teoria tradicional da linguagem - como é a do *Tractatus* - que é a de que a linguagem sempre deve estar correlacionada a um mundo, ela serve para falar do mundo, por isso a ênfase na noção de referência. Como diz Goodman, compreendendo a linguagem compreendemos o mundo.

Por outro lado, uma das teses básicas do *Tractatus* é a da determinação do sentido pela determinação da referência, que é rejeitada tanto por Goodman, quanto pelo próprio Wittgenstein nas *Investigações*. No entanto, Goodman, diferente de Wittgenstein, mantém a noção de referência, mesmo admitindo a impossibilidade de determinação do sentido. Aqui pode ser vista uma das vantagens de abordar esse tema dentro do domínio das artes, pois é justamente nas linguagens artísticas que a possibilidade de falar sobre alguma coisa sem que se possa dizer claramente o que é essa coisa é mais bem sucedida. Lembremos de Beckett, por exemplo, dizendo que toda poesia tenta falar do que não se pode falar. E comparemos isso à última frase do *Tractatus*: do que não se pode falar deve-se calar. E Goodman novamente: a atitude frente a impossibilidade de dizer o modo como o mundo é, não é o silêncio, mas a tagarelice.

Muito provavelmente esta tese foi injusta com Wittgenstein. Primeiro porque não havia a intenção de fazer uma tese comparando os dois autores. Nossa leitura de Wittgenstein, como a do próprio Goodman, não foi absolutamente rigorosa. Ele foi escolhido de uma forma bastante intuitiva como representante de duas teses antagônicas sobre a relação linguagem e realidade, mas bastante difundidas no senso comum. Assim, mesmo que tenhamos cometido alguma falta com a obra - aliás fascinante - deste autor acreditamos que o leitor poderia

caridosamente nos perdoar. Aliás, parodiando os dois prefácios de Wittgenstein eu poderia dizer que mesmo que essa tese tenha sido razoavelmente bem escrita, a solução do problema está longe de ser alcançada e talvez nunca o seja. Como a linguagem se conecta com o real é alguma coisa que, acredito, sempre permanecerá um mistério.

Apesar disso, podemos dizer algo sobre o que realizamos aqui. Entre outras coisas, mostramos que a teoria do significado goodmaniana é herdeira dos pressupostos nominalistas da primeira fase da sua filosofia. Esta semântica extensional afirma que o significado de um termo é a sua referência, negando a possibilidade de uma fundamentação do significado em termos platonistas ou conceitualistas. A nosso ver, isto pode implicar numa redução do conceito de significado ao conceito de referência. Compreender um símbolo, entender seu significado, é ser capaz de correlacionar o símbolo com aquilo que ele representa.

As críticas de Goodman com relação ao papel que a semelhança desempenha nas construções simbólicas bem como a sua negação das perspectivas intensionalistas também abre espaço para um outro modo de pensar a representação. Neste caso representar é agir. Assim, nomear, denotar e referir são ações efetivas, mostram para quem usamos a linguagem e fazem com que ela se torne concreta, ela também um objeto que está em relação com os outros objetos do mundo estabelecendo conexões, criando redes de referências, podendo ser experimentada e fazendo parte da experiência. E é a experiência que vai constituir aquilo que chamamos realidade, ou seja, o mundo em que vivemos. Nosso mundo, diz ele, é construído a partir de fragmentos da ciência, da arte ao mesmo tempo em que

Para o homem comum, a maioria das versões da ciência, da arte, e da percepção afasta-se de várias maneiras do mundo útil e familiar que ele construiu a partir dos fragmentos da tradição científica e artística, e afastam-se também da sua própria luta pela sobrevivência. Este mundo, na verdade, é aquele que mais frequentemente se considera como real; porque a realidade num mundo, como o realismo num quadro, é largamente uma questão de hábito (WW, p. 20).

Assim como a validade de um predicado depende de seu entrenchamento na linguagem, que se dá pelo uso, nas artes a instauração também pode ser vista

como um processo de entrincheiramento de símbolos ou sistemas simbólicos. As obras de arte tornam-se mais entrincheiradas quanto mais amplos e efetivos são os processos que elas desencadeiam. Como já dissemos antes, a possibilidade de uma multiplicidade de leituras é fundamental para que a obra continue em processo. Quanto mais domínios ela alcança mais real ela é.

Como esta é uma tese sobre ontologia e linguagem que fala principalmente sobre arte, cabe aqui fazer algumas considerações. Primeiro que as principais teses da teoria dos símbolos de Goodman valem igualmente para a arte e para ciência. Apesar de reconhecer certas diferenças - por exemplo, o discurso científico se vale mais da denotação, enquanto que na arte a exemplificação é mais utilizada - o objetivo é falar do que eles tem em comum. O que eles tem em comum é que são ambos *ways of worldmaking*. No mundo real, aquele em que habitamos, é impossível dizer qual o mais importante. Daí a importância de uma teoria que cruze barreiras entre os dois campos. Ou pelo menos reconheça que essa barreiras são cruzadas o tempo todo. Poderíamos comparar por exemplo, a frieza e a racionalidade de um Duchamp - que dizia ser a ciência uma de suas fontes de inspiração - com a criatividade e inventividade de um Einstein.

Por outro lado, não é mera coincidência que a divisão dos capítulos em representação, apresentação e instauração façam referência respectivamente à arte clássica, a arte moderna e à arte contemporânea. Essas correspondências poderiam ter sido mais bem exploradas, mas nunca no sentido de oposição, ou superação, ou ruptura, ou ao contrário, de continuidade, como é freqüente na história e na crítica de arte. De um modo geral Goodman vê toda a construção de mundo sob o conflito entre o novo e o usual. Poderíamos dizer que toda construção de mundo envolve refazer mundos já prontos. Partimos sempre do que está pronto, nunca a partir do nada. Ao mesmo tempo, a representação mantém-se, o que se buscou superar é um modo de pensar a representação, isto é, a crença no "espelhamento" da realidade. Toda representação é uma metáfora ou uma ficção. Além disso, sem a tese do espelhamento, a noção de verdade é relativizada e o conhecimento é substituído por compreensão.